



# Intelectuais, escrita e poder no México revolucionário: do combate armado à formação da nova identidade nacional

Warley Alves Gomes<sup>1</sup>

Mestrando em História pela UFMG  
[warleyalvesgomes@yahoo.com.br](mailto:warleyalvesgomes@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é discutir a relação entre intelectuais e Estado no México revolucionário. Dividimos nossa análise em dois momentos: o primeiro ainda durante o fim da primeira década do século XX, indo até o final da fase bélica da Revolução Mexicana, e o segundo restringindo-se basicamente à década de 1920, momento durante o qual o Estado pós-revolucionário buscou reconstruir estrutural e simbolicamente o país, tentando criar uma nova identidade nacional através de uma "cultura revolucionária".

**PALAVRAS-CHAVE:** México revolucionário, Intelectuais, Poder, Cultura

**ABSTRACT:** Our aim in this article is to discuss the link between intelligentsia and State in the revolutionary Mexico, for that purpose the analysis was made in two phases: first one had focus on the end of the first decade of the 20<sup>th</sup> Century (the end of the war period of Mexican Revolution considered); and the second phase focused on the following decade (1920) – when Mexican post-revolutionary State had intent on create a new national identity based on the “revolutionary culture”, aiming to build once more the country in both structural and symbolical spheres.

**KEYWORDS:** Revolutionary Mexico, Intelligentsia, Power, Culture

Nada continuou o mesmo, mas sempre houve renegados  
como Cacique Sitting Bull, Tom Paine,  
Dr. Martin Luther King, Malcolm X  
Eles foram os renegados de seu tempo e época  
Tantos renegados ... Nós somos os renegados do funk  
Agora os renegados são as pessoas com suas próprias filosofias  
Elas mudam o curso da história  
Todos os dias pessoas como eu e você<sup>2</sup>

<sup>1</sup> O aluno é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>2</sup> Trecho da canção “Renegades of funk”, composta por Kevin Donovan e gravada originalmente no disco *Planet Rock: The Album*, pela gravadora Tommy Boy Records, em 1986. Este artigo foi revisado no dia 13 de maio, data na qual se comemora a Abolição da Escravidão no Brasil. Se no México revolucionário os camponeses indígenas lutaram por seu espaço e direitos na sociedade, em nosso país a luta por melhores condições é bandeira principal dos afro-descendentes, que, em sua maioria, ainda não conseguiram ter as mesmas condições do restante da população. Este artigo é dedicado a eles. Em especial àqueles do Quarteirão do Soul, que se reúnem de maneira tão festiva nas ruas de Belo Horizonte, se apropriando do passado para resistir no presente. A tradução do trecho da música é nossa.



## Introdução

A Revolução Mexicana foi de grande significância para a história latino-americana, pois além de ser a primeira grande revolução social do século XX, colocou abaixo o poder de uma aristocracia formada por senhores de terra – os *terratenientes* – e pôs em primeiro plano, pela primeira vez na região, a importância do mestiço na constituição da identidade nacional<sup>3</sup>.

No que toca o papel dos intelectuais, refletir sobre a posição deles nunca é tarefa fácil. A empresa já começa na própria definição do termo: o que é o intelectual? Como ele atua? A partir de que parâmetros podemos definir um intelectual? Qual deve ser sua relação com a política e o poder? Sem dúvida o termo intelectual, em si, já evoca uma série de sugestões e pode facilmente nos colocar em uma forte polêmica. Assim, é importante ressaltar que o termo não se fecha de forma alguma a uma única interpretação, e nem apresentou um único modelo ao longo do tempo. Mas também podemos apontar algumas características referentes aos intelectuais, de modo a tornar a presente tarefa mais palpável.

Desde a idéia dos “homens de letras”, e mesmo antes, na dos clérigos medievais, até os dias de hoje, passando por intelectuais engajados como Sartre, a figura do intelectual está essencialmente relacionada com a *escrita* e as idéias. Assim, o intelectual seria alguém que dominasse um determinado conhecimento, não comum aos demais homens de seu tempo, e o manifesta através da escrita. Esta funcionava não só como um meio de propagação do conhecimento, mas também como uma barreira que separava os poucos homens que a dominavam da maioria analfabeta. Outro ponto que podemos inferir pela idéia da escrita, é o poder de propagação do letrado que se fez mais eficaz a partir do surgimento da imprensa, sendo que esta possibilitou uma divulgação mais ampla das idéias, bem como criou o espaço necessário para uma esfera pública eficiente.

A questão da imprensa é importante para começarmos a delimitar melhor a idéia de intelectual que trabalharemos. A imprensa e sua relação com a construção de uma esfera pública permitem pensar o intelectual como um elemento próprio da modernidade, atuante frente à comunidade em que vive. Assim, os clérigos medievais e mesmo alguns filósofos posteriores

---

<sup>3</sup> FELL, Eve-Marie. Primeras reformulaciones: del pensamiento racista al despertar de la conciencia revolucionaria. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: Palavra Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994, vol. 2, p. 577-595.

podem ser deixados de lado, pois seu campo de atuação é muito restrito, tratando-se de manifestar apenas às elites políticas, e sem a necessidade de atuar frente a um público mais amplo. É então a partir da segunda metade do século XIX que a idéia do intelectual começa a surgir de uma maneira mais nítida<sup>4</sup>, ganhando uma conotação mais delimitada no final do século. Segundo Jennings e Tony Kemp-Welch:

Mas no final do século XIX, na percepção européia, a palavra ganhou uma conotação mais específica. Isto emergiu do fato de que aqueles intelectuais – neste caso escritores como Emile Zola, André Gide, Marcel Proust e Anatole France – estavam preparados para intervir na esfera pública política e para protestar em nome da Justiça buscando garantir a libertação do inocente Capitão Alfred Dreyfus.<sup>5</sup>

Assim, o intelectual moderno passa a ser compreendido como alguém que interfere na cena pública através de manifestos, petições, cartas, buscando construir sua argumentação de forma crítica e reflexiva. Embora as compreensões e tipos de intelectuais mudassem bastante ao longo do século XX, a idéia da atuação pela escrita e do contato com a esfera pública se manteve bem definida.

Na América Latina, a formação da esfera pública se deu de maneira diferente da Europa. O reduzido número de alfabetizados, a tentativa de controle do ficcional por parte da coroa hispânica<sup>6</sup> (apesar dos contrabandos), o tipo de conhecimento produzido nas universidades (no caso do Brasil, não havia universidades durante o período em que foi colônia), contribuíram para que a atuação dos homens de letras se desse de outra forma, e para que a posterior intelectualidade tivesse um outro tipo de relação com o poder, distinta da estabelecida na França.

<sup>4</sup> É interessante aqui a referência ao texto de Jeremy Jennings e Tony Kemp-Welch, *The century of the intellectual*, no qual os autores mencionam um texto de Raymond Williams, onde Byron é citado, em 1813, mencionando os intelectuais “Eu desejaria ser bom o suficiente para escutar estes intelectuais”/“I wish I may be well enough to listen to these intellectuals”. JENNINGS; KEMP-WELCH. *The century of the intellectual: From the Dreyfus Affair to Salman Rushdie*. In: *Intellectuals in politics: from the Dreyfus Affair to Salman Rushdie*. London and New York. Routledge, 1997.

<sup>5</sup> Tradução nossa, no original: “But in the late of nineteenth-century European sense, the word took on a more specific connotation. This arose from the fact that intellectuals –in this case writers such as Emile Zola, André Gidé, Marcel Proust and Anatole France – were prepared to intervene in the public sphere of politics and to protest in the name of Justice in order to secure the release of the innocent Captain Alfred Dreyfus”. JENNINGS; KEMP-WELCH. *The century of the intellectual: From the Dreyfus Affair to Salman Rushdie*. In: *Intellectuals in politics: from the Dreyfus Affair to Salman Rushdie*. London and New York. Routledge, 1997, p.6. Os autores referem-se ao caso Dreyfus, no qual o capitão Alfred Dreyfus foi acusado de traição pelo governo francês. Após a acusação, Zola posiciona-se a favor de Dreyfus e começa um debate entre os pensadores franceses. O campo de apoiadores de Dreyfus ficou conhecido como dreyfusards, mais tarde tidos como intelectuais. Passaram a representar aqueles que lutavam por valores universais como liberdade, igualdade, verdade e justiça. O campo oposto, os antidreyfusards, passaram a representar os anti-intelectuais, e eram os setores mais conservadores da sociedade francesa, como a Igreja e o exército.

<sup>6</sup> Para um estudo sobre a construção da esfera pública na América Latina relacionada à formação da elite *criolla* e a tentativa de controle do imaginário por parte da coroa hispânica ver o livro de Luiz Costa Lima: *Sociedade e discurso ficcional*. In: *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.



Coube aos intelectuais a missão de planejar as novas nações, modernizá-las, tendo como exemplo as modernas nações capitalistas européias. Segundo Carlos Altamirano:

A vasta mudança social e econômica que posteriormente, no último terço do século XIX, incorporou os países latino-americanos à órbita da modernização capitalista, existiu antes, como aspiração e imagem idealizada do porvir, nos escritos das elites modernizadoras. A marcha ao progresso tomou diferentes vias políticas, desde a fórmula do governo forte à república oligárquica mais ou menos liberal, mas todas contaram com sua gente de saber e seus publicitários.<sup>7</sup>

É interessante notar como na América Latina desenvolve-se uma tensão entre a relação dos intelectuais com o poder e a construção de uma esfera pública marcada por outros espaços de atuação para estes intelectuais. Ao final do século XIX é possível perceber a delimitação dos primeiros elementos do que seria uma esfera pública: a expansão de uma imprensa jornalística mais independente, a consolidação de um pequeno público leitor, a transformação de espaços de sociabilidade intelectual fora dos âmbitos da Igreja e do Estado.<sup>8</sup> Julio Ramos<sup>9</sup> definiu esta mudança como o fim da era que Angel Rama definiu como a “cidade das letras”.<sup>10</sup> Acrescente-se a isto o fato de que ao final do século XIX estes intelectuais passaram a se concentrar nas grandes metrópoles latino-americanas, espaços que, na tentativa de imitar a Paris de Hausmann, desenvolveram diversos espaços sociais modernos, como os salões literários, teatros, cafés, cinema, museus, e que permitiram uma ampla circulação das novas idéias sociais e políticas que chegavam da Europa, como o liberalismo – político e econômico –, o anarquismo e o

---

<sup>7</sup> No original: “El vasto cambio social y económico que posteriormente, en el último tercio del siglo XIX, incorporó a los países latinoamericanos a la órbita de la modernización capitalista, existió antes, como aspiración e imagen idealizada del porvenir, en los escritos de las elites modernizadoras. La marcha hacia el progreso tomó diferentes vías políticas, desde la fórmula del gobierno fuerte a la república oligárquica más o menos liberal, pero todas contaron con su gente de saber y sus publicistas”. ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, p.9.

<sup>8</sup> MYERS, Jorge. Los intelectuales latinoamericanos desde la colonia hasta el inicio del siglo XX. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Editores, 2008.

<sup>9</sup> RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

<sup>10</sup> RAMA, Angel. *A cidade letrada*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985. Rama atribuiu grande poder aos intelectuais latino-americanos em sua interpretação sobre a construção e a organização do espaço e do poder nas cidades latino-americanas. Para Rama, o espaço ocupado no poder por estes homens os qualificava em situação melhor do que o resto da população, marcada pelo analfabetismo. Existia então, até o início do século XX, a idéia do intelectual como um homem deslocado dos outros homens na sociedade na qual vive, não atuando frente ao público. Outra questão a se discutir sobre o livro de Rama é o fato de que o autor não está preocupado em historicizar o conceito de intelectual, sendo estes “homens de letras” que atuaram desde o processo de colonização espanhola. Ramos tenta relativizar esta idéia de Rama, atribuindo historicidade ao intelectual, e evidenciando que o processo de entrada deste intelectual no debate público é anterior ao século XX, quando a imprensa latino-americana começa a se desenvolver e este passa a publicar cada vez mais em jornais, separando-se estritamente da política e trabalhando, muitas vezes, como profissional liberal.



socialismo. A formação da cidade burguesa, moderna – oriunda da entrada da economia latino-americana no mercado mundial, como exportadora de matéria-prima e das diversas mudanças culturais ocorridas na época – propiciava um dinamismo maior da sociedade, algo bastante significativo para este novo tipo de intelectualidade<sup>11</sup>.

Mas o Estado ainda exercia uma grande atração sobre os intelectuais, e se em alguns países, como é o caso da Argentina, estes conseguiram um maior êxito na construção de uma autonomia frente ao Estado, isto não ocorreu da mesma forma no México, nem mesmo após a Revolução<sup>12</sup>. Vamos nos deter um pouco mais neste ponto. A inquietação desta reflexão é provocada principalmente devido ao fato de que o Estado mexicano teve uma relação bastante particular com seus intelectuais após a Revolução Mexicana, sendo que alguns sofreram uma discreta perseguição, enquanto outros, que criticavam o Estado e as conseqüências da Revolução, como é o caso do escritor Mariano Azuela, tiveram suas obras e imagens apropriadas pelos novos donos do poder no país.

Dentre os diversos intelectuais mexicanos, decidimos abordar aqueles que consideramos mais significativos para representar as relações entre estes e o poder no México revolucionário. Assim, selecionamos, entre os grupos intelectuais, o Ateneu de la Juventude, responsáveis por iniciar uma mudança na forma de pensar a filosofia e a cultura no México, que durante a época do porfirismo (1876-1911) era bastante marcada pelo positivismo de Mill e Spencer, e após a Revolução se volta para um humanismo iluminista, além de uma nova valorização do indígena e do mestiço, bem como os membros envolvidos na formação do Partido Liberal Mexicano (PLM), sendo seu membro mais destacado o anarquista Ricardo Flores Magón. Também vamos abordar os anos iniciais de produção intelectual de Mariano Azuela, escritor cuja obra *Los de abajo* representou um marco na literatura mexicana, e a trajetória intelectual de José Vasconcelos, intelectual que contribuiu significativamente para a política mexicana na formação do novo Estado pós-revolucionário.

### **A Revolução e os intelectuais**

Foi em meio às fumaças e ao zumbido de balas que a intelectualidade mexicana se formou a partir dos anos 1910, quando diversos homens de letras passaram a aderir às muitas vertentes ideológicas encontradas em combate, não só no campo das idéias, mas também no

---

<sup>11</sup> ROMERO, José Luis. *Latinoamérica*. La ciudad y las ideas. Siglo XXI editores, Buenos Aires, 2011.

<sup>12</sup> Jorge Myers afirma que a situação dos intelectuais frente ao poder só se modificaria por volta dos anos 1980 e 1990. Ver MYERS, Jorge. Gênese “ateneísta” da história cultural latino-americana. In: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.17, n.1, p.9.



campo das armas. A efervescência dos conflitos e a possibilidade por melhores condições sociais fez com que os intelectuais passassem a atuar lado a lado com os homens mais violentos de seu país, sendo muitos deles analfabetos. Os principais líderes camponeses, Pancho Villa e Emiliano Zapata, aprenderam a ler quando as batalhas já haviam começado e, apesar disto, tiveram o apoio de muitos intelectuais em suas fileiras, como é o caso de Mariano Azuela e Martín Luis Guzmán, ambos atuantes nas tropas villistas, o primeiro como médico e o segundo como soldado. A estreita relação entre intelectuais e líderes militares nos anos de combate proporcionou uma forma muito particular de atuar politicamente, marcada por uma tensão constante, mas também por uma proximidade muito forte entre os homens da escrita e os homens do fuzil. Angel Rama nos apresenta, com grande habilidade, um quadro sobre a complicada relação entre intelectuais e combatentes durante a Revolução:

Nada mais fascinante do que a aventura desses intelectuais que pelas mais variadas razões (do idealismo cândido ao franco oportunismo) foram situar-se ao lado dos múltiplos caudilhos da revolução, servindo-os com suas armas letradas em estado de pânico permanente, ou procurando levar a cabo a educação do príncipe, com vistas ao futuro governo civil, mas sempre encarregando-se da propaganda denegridora dos adversários que, como bem sabiam, era um combate com os letrados situados ao lado dos caudilhos inimigos, aos quais salpicavam de lodo com maior desenvoltura do que haviam feito com seus chefes.<sup>13</sup>

Javier Garciadiego afirma que a Revolução Mexicana trouxe à tona a figura do intelectual de origem popular. Segundo o autor, se antes havia intelectuais de origem sócio-econômica baixa, eles sempre atuaram no campo mais conservador. Foi enorme o número de intelectuais surgidos durante a Revolução, cada qual atuando em uma vertente revolucionária, mais ainda, em múltiplos pequenos grupos que compunham estas vertentes. Estes intelectuais exerciam diversos ofícios: redigiam planos e proclamas, respondiam e analisavam as propostas alheias, administravam as facções revolucionárias, editaram e publicaram os variados jornais que circularam durante o movimento armado<sup>14</sup>. Encontrávamos aí, lado a lado, as penas e as armas. As metralhadoras não iriam se silenciar tão logo terminasse a década de 1910, e esta constante tensão entre militares e intelectuais não acabaria nem mesmo depois. De fato, podemos dizer

---

<sup>13</sup> RAMA, Angel. *A cidade letrada*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985, p.152.

<sup>14</sup> GARCADIIEGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010.



que, a partir da Revolução, o México seria marcado por uma cultura política bastante militarizada<sup>15</sup>.

Ainda durante a década de 1910, não podemos deixar de mencionar o importante papel do Ateneu da Juventude sobre a intelectualidade mexicana. Este grupo foi fundado em 1909, mas seus antecedentes remontam ao ano de 1906, quando um grupo de intelectuais fundou a Sociedade de Conferencias. Este é um ponto muito importante para entendermos algumas questões que se apresentaram para os intelectuais mexicanos nas décadas posteriores. O porfiriato havia sido marcado pelo positivismo como principal corrente de idéias circulante no México, defendida por um grupo de homens chamados de “científicos”. Não se tratava apenas de uma idéia difundida em âmbitos acadêmicos, mas sim de uma corrente ideológica que legitimava o governo de Porfírio Díaz, e que, ao mesmo tempo, articulada às idéias de Spencer, relegava aos indígenas e populares um lugar marginal na sociedade mexicana.

O positivismo adotado no México, como defende Leopoldo Zea, não foi uma simples adoção das idéias veiculadas na Europa no cenário mexicano. Antes disso, foi adequado para a realidade mexicana, de acordo com os interesses da elite dominante.<sup>16</sup> Era preciso justificar a permanência de Porfírio Díaz no poder, que chegou ao posto da presidência com o lema de “Sufrágio universal e não-reeleição” – o mesmo lema que seria usado por Francisco Madero ao iniciar a Revolução Mexicana décadas depois.<sup>17</sup> O governo de Porfírio Díaz, dito liberal, seguiu a fundo o liberalismo econômico, ao passo que no campo político se tornava cada vez mais autoritário.

O positivismo funcionou bem como justificativa ideológica para a manutenção de Díaz e os “Científicos” – como os positivistas eram chamados – no poder, pois, deixando de lado o positivismo comtiano – que ainda dava muita margem para a subordinação do indivíduo à sociedade –, se apropriou do positivismo de Spencer e Mill, justificando a manutenção da ordem para a paz mexicana, e como condição para uma futura liberdade política, sendo que a liberdade econômica sequer seria tocada. Para os positivistas mexicanos era preciso pacificar o país, que havia sofrido pelas diversas revoltas em sua história. Tal paz só poderia ser alcançada através da

---

<sup>15</sup> Para se ter uma idéia, o primeiro presidente mexicano após a Revolução a não ter antecedentes militares foi Manuel Ávila Camacho, eleito em 1946.

<sup>16</sup> ZEA, Leopoldo. *El positivismo en Mexico: nacimiento, apogeo y decadencia*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1968.

<sup>17</sup> Segundo José Vasconcelos, em sua autobiografia, *Ulises criollo*, foi ele quem atribuiu este lema à campanha de Madero, quando membro do Comitê Anti-reelecionista: “El lema que tantos años fue oficial: Sufrágio Efectivo y No Reelección, lo redacté yo, en oposición al antiguo Sufrágio Libre y para indicar que debía consumarse la función ciudadana del voto”. VASCONCELOS, José. *Ulises criollo*, ALLCA XX, 2000, p.364.



ordem. Assim, a liberdade social era sempre maléfica, pois deixava os homens livres às suas vontades. Já a liberdade política era benéfica desde que o homem estivesse pronto para ela. O momento atual, diziam os positivistas aliados de Porfírio, era o de consolidação da paz, e quando o povo estivesse pronto para tomar suas decisões, a liberdade política seria estabelecida. Além disso, as idéias oriundas de Spencer e Mill foram apropriadas na construção de uma ideologia que vincularia o progresso ao trabalho, garantindo a liberdade econômica, e justificando a ascensão econômica através daqueles considerados mais “aptos” a sobreviver em um mercado livre. Segundo Zea:

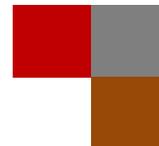
Ordem política e liberdade econômica, foi o ideal deste grupo, e a este ideal foi muito útil um positivismo como o de Mill e Spencer, que justificava os interesses de uma burguesia inglesa, um positivismo que não via na ordem o último fim, mas que fazia desta um instrumento ao serviço dos interesses do indivíduo. No México, a ordem política representada pelo Porfirismo foi colocada ao serviço dos interesses dos indivíduos que formavam a burguesia. Na medida em que eram diminuídos os direitos políticos do povo, eram aumentados os privilégios da burguesia. Esta adquiria maior liberdade para explorar a economia do país em seu benefício.<sup>18</sup>

Ao analisar a questão do positivismo no México, e a relação dele com os membros do Ateneo da Juventude, são precisos alguns cuidados. O primeiro passo é pensar que, embora em diversos aspectos o Ateneo tenha rompido com as doutrinas positivistas, tal rompimento se deu baixo os auspícios de poderosos positivistas, como é o caso de Justo Sierra, importante político porfirista, que ocupou diversos cargos públicos, inclusive o de Ministro de Instrução Pública e Belas Artes, entre os anos de 1901 e 1910.

Em 1906, quando fundada, a Sociedade de Conferências – posteriormente Ateneo da Juventude – teve um forte apoio de Justo Sierra. É interessante notar que, apesar do apoio de Justo Sierra, os intelectuais deste grupo apresentaram os temas mais variados em suas palestras, voltadas a um público popular, abordando temas distantes da predileção dos “científicos”, como é o caso das conferências sobre Nietzsche, dadas por Antonio Caso. Entre os intelectuais da Sociedade estavam o dominicano Pedro Henríquez Ureña e seu irmão Max Henríquez Ureña, o já citado Antonio Caso e Isidro Fabela.

---

<sup>18</sup> No original: Orden político y libertad económica, fue el ideal de este grupo, y a este ideal fue muy útil un positivismo como el de Mill y Spencer, que justificaba los intereses de una burguesía inglesa, un positivismo que no veía en el orden el último fin, sino que hacía de éste un instrumento al servicio de los intereses del individuo. En México, el orden político representado por el Porfirismo fue puesto al servicio de los intereses de los individuos que formaban la burguesía. En la medida en que eran disminuidos los derechos políticos del pueblo, eran aumentados los privilegios de la burguesía. Esta adquiriría mayor libertad para explotar la economía del país en su provecho. ZEA, Leopoldo. *El positivismo en México: nacimiento, apogeo y decadencia*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1968, p.403-404, grifos no original.



Três anos depois, ainda com o apoio de Justo Sierra, o grupo, agora mais amplo, adota o nome de Ateneu da Juventude. A importância do Ateneu foi logo notada. Segundo Jorge Myers:

O Ateneo de la Juventud conseguiu impor-se muito rapidamente como uma das instituições centrais dentro do campo intelectual mexicano, consagrando seus membros, desse modo, como a futura geração de relevo. Em 1909, por exemplo, dos 32 membros residentes no México (havia oito membros correspondentes no exterior, entre eles Max, o irmão de Pedro Henríquez Ureña, e o pintor Diego Rivera), quatro eram deputados no Congresso Nacional, um era secretário do Museu Nacional e outro era subdiretor da Escola Nacional preparatória.<sup>19</sup>

Se Jorge Myers nos apresenta uma média de 40 integrantes do Ateneu, Enrique Krauze, em seu estudo *Caudillos culturales en la Revolución Mexicana* menciona que a instituição chegou a ter cerca de cem integrantes, embora destaque o papel de três membros, considerados, por ele, como mais ativos: Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Reyes e Antonio Caso<sup>20</sup>.

É interessante notar como o Ateneo foi um importante meio de sociabilidade entre os intelectuais mexicanos, e como, ao mesmo tempo, desencadeou tensões entre eles, como é o caso do desentendimento entre Antonio Caso, que era mais reticente ao abordar as questões referentes ao positivismo, pois evitava um rompimento brusco com os “científicos” – ainda que não estava de acordo com tal corrente –, e Pedro Henríquez Ureña, que defendia explicitamente uma posição anti-positivista. A tensão entre os dois ganhou mais espaço, e difundiu-se por alguns periódicos da época<sup>21</sup>. Também notamos na autobiografia de Vasconcelos, *Ulises criollo*, publicada em 1935, o esforço do intelectual por diferenciar-se de seus antigos colegas. A escrita de Vasconcelos nos revela, em alguns momentos, um desdém do autor para com seus colegas, e sua maior preocupação com a forma em relação às idéias<sup>22</sup>, como nos mostra o trecho a seguir:

Em revanche pensava: ‘estes meus colegas literatos, vão a me dizer um dia que os fragmentos de Pitágoras necessitam do retoque de um Flaubert’.  
Muitos deles foram a vanguarda dos que hoje desdenham a Balzac por descuidos de forma e, em troca, suportavam futilidades de Gide ou de Proust, como que eternamente os profissionais do estilo ignoram o ritmo de relâmpago das mensagens que o espírito contém.<sup>23</sup>

<sup>19</sup> MYERS, Jorge. Gênese “atenesista” da história cultural latino-americana. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v.17, n.1, p.9-54. São Paulo, 2005, p.26.

<sup>20</sup> KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución Mexicana*. 2a. ed., México: Siglo XXI, 1976, p.48-49.

<sup>21</sup> MYERS, Jorge, op. cit.

<sup>22</sup> Deixamos claro que esta é a opinião expressa por Vasconcelos e não a nossa.

<sup>23</sup> No original está: “En desquite pensaba: ‘estos colegas míos literatos, van a salirme un día con que los fragmentos de Pitágoras necesitan el retoque de algún Flaubert’. Muchos de ellos fueron avanzada de los que hoy desdeñan a Balzac por sus descuidos de forma y, en cambio, soportan necesidades de Gide o de Proust, como que eternamente



Como bem ressaltamos, é preciso cuidado ao creditar ao Ateneu da Juventude um papel extremamente revolucionário. Embora tenha exercido uma importante contribuição cultural ao México, também adotou posturas bastante conservadoras. Muitos de seus jovens eram pertencentes à elite porfiriana e viam com horror a violência revolucionária, passando a defender os regimes mais autoritários, como o de Díaz e o de Huerta, posteriormente<sup>24</sup>. A ruptura que grande parte de seus membros exerceram com o porfirismo se limita apenas ao campo das idéias. Em oposição à realidade rígida das leis científicas propostas pelos positivistas, os ateneístas defendiam a construção de um conhecimento baseado em uma formação greco-latina, no amor às letras e cultura espanhola, na imaginação e na utopia<sup>25</sup>. Outro fator positivo que podemos atribuir ao Ateneu, era o fato de que se empenhou bastante em uma difusão educativa e cultural, buscando propagar o conhecimento “ilustrado” para as classes mais baixas através de instituições como a Universidade Popular, rompendo com o elitismo educacional dos intelectuais porfiristas.

Podemos pensar o Ateneu como um oásis intelectual frente ao caos revolucionário. Mas jamais podemos pensar que este estava isento dos acontecimentos dos campos de batalha. A metáfora construída por Mariano Azuela para representar a Revolução Mexicana talvez nos proporcione uma das imagens mais válidas para descrever o fenômeno: ela seria um furacão que arrasta para si todas as folhas secas. Os ateneístas tentaram afastar-se dela, mas rapidamente se viram arrebatados por tal furacão, sendo que alguns, como Martín Luís Guzmán e José Vasconcelos, acabaram aderindo à luta revolucionária, partindo para os campos de batalha. Cabe ressaltar que a própria sorte do grupo estava estritamente atrelada aos caudilhos que estavam no poder, sendo que seu auge se deu entre os governos de Francisco Madero e Victoriano Huerta (1911–1914). Após a queda de Victoriano Huerta, e depois com a ascensão de Carranza, o Ateneu se dissolve, sendo que alguns de seus integrantes, como é o caso de Pedro Henríquez Ureña e Alfonso Reyes, deixam o México<sup>26</sup>.

---

los profesionales del estilo ignoran el ritmo de relámpago de los mensajes que contienen espíritu”. VASCONCELOS, José. *Ulises criollo*, ALLCA XX, 2000, p.314.

<sup>24</sup> GARCIADIEGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina II: Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010, p.32.

<sup>25</sup> ZEA, Leopoldo, op. cit., p.439.

<sup>26</sup>O caso de Alfonso Reyes é bastante interessante. Seu pai, o general Bernardo Reyes, havia sido um conhecido anti-revolucionário. Alfonso, ainda que não estivesse de acordo com ele, sofreria com a desconfiança dos futuros governantes do México. Em 1913, parte para a França como diplomata, mas os acasos da Primeira Guerra Mundial acabaram impondo a ele uma fuga para a Espanha, onde, esquecido pelos governantes do México, teve que se ocupar de vários serviços como jornalista, pesquisador e tradutor para sobreviver. Voltou ao México em 1915, onde permaneceu até 1920, quando, mais uma vez, exerceu carreira diplomática. Mesmo após a reestruturação do México, na década de 1920, Reyes não conseguiria permanecer no país até finais da década de 1930, sendo imposto a ele



Se por um lado a oposição do Ateneu da Juventude ao regime de Díaz se deu apenas no campo intelectual, quando olhamos para o posicionamento de outros intelectuais, como é o caso de Ricardo Flores Magón, membro do Partido Liberal Mexicano, o confronto com a ditadura porfirista é muito mais direto, e se deu tanto no campo político-social como no militar. Este partido começou a se organizar no final do século XIX, reunindo membros como Camilo Arriaga, Juan Sarabia, Díaz Soto y Gama, Jesús e Ricardo Flores Magón, entre outros. Tratou-se da primeira oposição firme ao governo de Porfirio Díaz, contando com uma aproximação considerável com a incipiente classe operária mexicana, e participando das greves de Cananea (1906) e Río Blanco (1908). O Partido Liberal Mexicano, a princípio, defendia basicamente os ideais do liberalismo mexicano do século XIX, preocupado com o funcionamento pleno da Constituição de 1857, mas, com o tempo, ocorreu uma cisão entre Camilo Arriaga e Ricardo Flores Magón, sendo que o primeiro continuou fiel aos limites do liberalismo clássico, enquanto o segundo voltou-se cada vez mais para o anarquismo. É válido esclarecer que Camilo Arriaga era de família abastada e foi o principal investidor do PLM e, diversos membros do partido, como é o caso do próprio Ricardo Flores Magón, tiveram acesso à diversas obras que circulavam no exterior através da biblioteca de Arriaga. Foi através dela que Ricardo Flores Magón iniciou suas leituras em Kropotkin, Bakunin, a literatura social francesa e russa, e outras obras.

Situo Ricardo Flores Magón como um intelectual, pois foi bastante atuante na esfera pública mexicana, seja através de jornais, como é o caso de *Regeneración*, o mais famoso dos periódicos do PLM, seja através de manifestos, como é o caso do Manifesto do Partido Liberal Mexicano de 1906 e outros lançados por Flores Magón já quando iniciava a Revolução. O PLM sofreu diversas perseguições durante a última década do governo de Díaz. Seus membros conheceram a prisão, o exílio – nos Estados Unidos e no Canadá – e tiveram, diversas vezes, sua imprensa censurada, como foi o caso dos jornais *El hijo del Ahuizote* e *Regeneración*. Outro importante intelectual do PLM foi Antonio Díaz Soto y Gama que, após romper com o PLM, tendeu cada vez mais para a esquerda, chegando, por fim, a aliar-se ao exército de Zapata, auxiliando-o em suas decisões políticas e até mesmo representando-o na Convenção de Aguascalientes<sup>27</sup>, em 1914.

---

diversos serviços diplomáticos na França, Espanha, Argentina e Brasil. MYERS, Jorge. Gênese “atenesista” da história cultural latino-americana. In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v.17, n.1, pp.9-54. São Paulo, 2005; ELLISON, Fred P. Alfonso Reyes e o Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

<sup>27</sup> A Convenção de Aguascalientes ocorreu entre os dias 10 de Outubro e 9 de Novembro de 1914. Durante a convenção prevaleceram as demandas das tropas zapatista e villista, sendo que Carranza se retirou rapidamente dela. Segundo Arnaldo Córdoba, este é o momento no qual as tropas camponesas gozaram de maior poder durante a

É necessário ressaltar que embora Ricardo Flores Magón e Francisco Madero tiveram contato antes mesmo da Revolução iniciar<sup>28</sup>, no que toca à Revolução suas idéias seguiram por caminhos distintos. Ricardo Flores Magón se posicionou ao lado de Madero no objetivo de derrubar o regime de Díaz, mas deixou claro que não estava de acordo com as proposições do líder revolucionário, e que tal posicionamento duraria apenas até a derrubada de Porfírio Díaz. Não podemos sequer dizer que foi uma aliança, e Ricardo Flores Magón e demais membros do PLM foram repreendidos por Madero ainda quando as batalhas para derrubar o ditador estavam acontecendo<sup>29</sup>.

Díaz foi derrubado, Madero após pouco tempo tomou posse do cargo de presidente. Seu governo não durou muito, sendo que Madero foi cruelmente assassinado, junto com seu vice-presidente, José Maria Pino Suárez, no evento conhecido como *Decena Trágica*<sup>30</sup>. Victoriano Huerta pensou que poderia comandar o México com mão de ferro, fazendo de sua política um retorno às formas de governar de Porfírio Díaz, mas logo viu que as coisas não funcionariam mais assim. Venustiano Carranza manifestou oposição ao governo de Huerta e várias outras tendências o seguiram. Enquanto Carranza e Pancho Villa pressionavam no norte, Zapata manteve sua oposição no sul, reivindicando os *ejidos*, como já vinha fazendo. Huerta desiste de governar o México em 1914, ficando o país dividido em três facções principais, além de outras menores: Carranza no centro-norte, afirmando ser o poder Executivo no país, Pancho Villa – que havia rompido com Carranza – no norte, e Zapata no sul.

Ao caminhar da Revolução as forças de Venustiano Carranza ganham forças sobre as demais, e os exércitos camponeses de Pancho Villa e Zapata começaram a se enfraquecer. Ao final Carranza é eleito presidente do México e inicia seu governo, na tentativa de estabilizar o país. O Congresso é convocado e uma nova Constituição é elaborada. A Constituição de 1917, principalmente através dos artigos 123 – que atendia a algumas demandas trabalhistas, como é o

---

Revolução, e uma das experiências mais democráticas que o país já vivenciou, ainda que tenha sido efêmera. Entre as questões colocadas estavam a reforma agrária, as melhorias nas condições dos trabalhadores e a imposição de uma educação laica.

<sup>28</sup> Camilo Arriaga conseguiu que Francisco Madero ajudasse a financiar o *Regeneración* em troca de que Ricardo Flores Magón ajudasse Madero na escrita de um manifesto. Porém, Madero retirou seu apoio a Flores Magón após um tempo, por considerar as proposições do anarquista muito radicais.

<sup>29</sup> Para um estudo detalhado sobre o posicionamento e trajetória de Ricardo Flores Magón e do PLM ver o livro de James D. Cockcroft. *Precursores intelectuales de la revolución mexicana (1900-1913)*. Mexico, D.F.: Siglo Veintiuno, 1971.

<sup>30</sup> Francisco Madero foi assassinado no dia 22 de fevereiro de 1913, fuzilado juntamente com Pino Suárez, vice-presidente, por ordem do general Victoriano Huerta, que conspirava com o governo norte-americano para derrubar Madero. O episódio ficou conhecido como “Decena Trágica”. Ver AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.52-54.



caso da jornada de 8 horas diárias, salário mínimo e direito à greve – e 27 – que previa a realização de uma reforma agrária no país –, talvez o assunto de maior importância na Revolução, principalmente para as camadas populares, foi escrita, substituindo a de 1857. Apesar de que diversas destas medidas tenham sido efetuadas de forma lenta, e não plena, é importante constatar que tal Constituição, em si, simboliza a incorporação das demandas populares no centro da política mexicana. A partir da Revolução o povo ocuparia um lugar central na construção do novo Estado mexicano pós-revolucionário.

### **O novo Estado pós-revolucionário e a reformulação da identidade nacional mexicana**

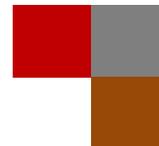
Os governos de Álvaro Obregón (1920–1924) e Plutarco Elías Calles (1924 –1928) foram caracterizados pela reconstrução estrutural e simbólica do México. Trataremos aqui da reestruturação simbólica, pois é a que mais tem interferência dos intelectuais. Esta foi marcada por dois elementos fundamentais que vieram da Revolução: o nacionalismo e o populismo. Após os tempos conturbados dos campos de batalha era preciso refundar a nação mexicana, e devido à grande participação popular nos combates, o elemento popular foi o grande tema da nova identidade nacional. Na contramão do porfirismo, o mestiço e o indígena foram considerados os símbolos do México e passaram a aparecer fortemente nas artes – lembremos das pinturas dos muralistas –, na literatura – pensemos na literatura de Mariano Azuela e no impacto que sua obra mais conhecida, *Los de abajo*, teve no país a partir de 1925, quando ganhou relevância –, nos *corridos*<sup>31</sup>, nas fotografias da família Casasola<sup>32</sup> e na poesia – no caso do Estridentismo e do grupo dos “Contemporâneos”, a vanguarda literária mexicana.

A reconstrução simbólica deste México moderno se deu a partir do encontro entre dois posicionamentos: de um lado, os intelectuais buscavam compreender seu país após o caos das batalhas e estavam realmente envolvidos e esperançosos em relação ao futuro do povo mexicano, por outro lado, os líderes militares que passaram a governar o país tinham um interesse em legitimar seu poder e a nova forma de política no México. O Estado apropriou-se de grande parte das discussões intelectuais na década de 1920, de forma a fundar o que Victor Díaz Arciniega

---

<sup>31</sup> Muitos *corridos* compostos durante o período revolucionário narravam eventos transcorridos durante a luta e os feitos dos homens que atuaram nela. O fato de serem composições populares contribuiu para sua incorporação na ideologia revolucionária.

<sup>32</sup> BARBOSA, Carlos A. Sampaio. *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940)*, São Paulo. Unesp, 2006.



chama de uma “cultura revolucionária”<sup>33</sup>. Para isto, a nova elite política mexicana incentivou os intelectuais que se dispunham a elogiar o novo regime, e discretamente afastar aqueles que não estavam de acordo com as novas diretrizes. De todas as formas, víamos aqui, de maneira exemplar, a intervenção do intelectual no espaço público, ao mesmo tempo em que é formado por este espaço. Nas palavras de Julio Ramos:

Na conjuntura da Revolução, as narrativas legitimadoras deveriam popularizar e democratizar o conceito de cultura. O espaço público do campo podia se ampliar, com a condição de que os escritores adaptassem e promovessem seu discurso de acordo com as necessidades da Revolução. Esclarecemos: não se trata de oportunismo, pelo menos em termos de campo em geral, mas sim do efeito que as lutas sociais têm sobre o campo e seus discursos. Trata-se de exigências sociais às quais o campo responde, renovando-se e auto-criticando suas linguagens e parâmetros de valoração, inclusive formal.<sup>34</sup>

É aqui que situamos o caso de Mariano Azuela, o escritor que iniciou a chamada “Novela da Revolução Mexicana” com sua obra *Los de abajo*. Mariano Azuela trabalhava como médico na cidade de Lagos de Moreno, no estado de Jalisco. Também se dedicava à escrita literária e freqüentava os pequenos círculos intelectuais de sua cidade. Liberal convicto, logo se tornou um seguidor de Francisco Madero, quando este inaugurou sua campanha eleitoral. Assumiu o cargo de *jefe político* na mesma cidade, e teve que renunciar ao cargo um mês após tomar posse, devido às pressões dos velhos caciques políticos da região, ainda acostumados ao modo de política porfirista.

Mariano Azuela, desiludido com a presença de ex-porfiristas na política democrática inaugurada por Francisco Madero, começou a escrever obras que denunciavam os abusos destes remanescentes da velha política, assim como daqueles oportunistas que aderiram ao governo de Madero quando sua causa já estava ganha, os “maderistas de última hora”. A obra *Andrés Pérez, maderista* foi a primeira escrita pelo autor a denunciar estas práticas, antecedendo a crítica presente em *Los de abajo*. Esta última é a obra mais conhecida de Mariano Azuela, e o escritor a concebeu a partir de sua própria participação na Revolução, como médico na tropa villista de Julián Medina.

*Los de abajo* conta a história de Demetrio Macías, pequeno proprietário do norte do México. Demetrio entra na Revolução devido a conflitos com outro cacique de sua região, Don Mónico. O romance começa com a invasão da propriedade de Demetrio pelos homens de Don Mónico. Demetrio mata os homens de Don Mónico e foge com sua mulher, mas tem a casa

<sup>33</sup> ARCINIEGA, Victor Díaz. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

<sup>34</sup> RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p.258. O “campo” ao qual o autor se refere é o campo intelectual.



queimada. Em vingança, a personagem reúne alguns amigos para enfrentar o cacique. No meio do caminho, encontra outra personagem, Luis Cervantes, um jornalista que antes se posicionava contra os ideais revolucionários, mas logo enxerga na Revolução uma possibilidade de ganhos financeiros e convence Demetrio a aceitá-lo em suas fileiras. A personagem Luis Cervantes destoa completamente dos outros membros da tropa de Demetrio. Enquanto aqueles são homens brutos, rústicos e não compreendem plenamente o significado político da Revolução, Luis Cervantes é culto, apresenta uma fala elaborada e um discurso sobre a Revolução que não pode ser compreendido pelos homens de Demetrio, nem pelo próprio líder. Mas Luis Cervantes representa o intelectual corrompido, oportunista, que pouco se importa com a Revolução e os homens que nela combatem, visando apenas seu próprio bem. Com o passar do tempo, Demetrio ganha várias batalhas, vence Don Mónico e torna-se general da Revolução.

A segunda parte da obra apresenta as personagens mais violentas e cruéis do livro: La Pintada e el Guero Margarito. Através destas personagens, Azuela começa a mostrar os pontos negativos da Revolução: os saques, assassinatos, a barbárie das tropas revolucionárias, o personalismo. Por fim, após as derrotas sofridas por Villa nas Batalhas de Celaya, e com a crescente corrupção das tropas de Demetrio, seus homens vão ficando cada vez menos estimulados e o fim da história de Demetrio se anuncia. A obra termina com o assassinato deste e sua tropa por soldados constitucionalistas e, o mais importante, ela termina no mesmo local em que começou, perto do rancho de Demetrio. O próprio caráter circular da obra revela a posição de Azuela em relação à Revolução: após a morte de muitos revolucionários ela nada traria de novo ao México, que permaneceria nas mãos de grandes caciques, líderes pessoais. A democracia não se instalaria de maneira plena após o fim dos combates.

Mariano Azuela terminou de escrever *Los de abajo* em 1915, mas a obra só foi reconhecida em 1925, em meio a uma polêmica literária da qual participaram vários intelectuais, como José Vasconcelos, Federico Gamboa e Francisco Monterde. O artigo de Julio Jiménez Rueda, *El afeminamiento de la literatura mexicana*, publicado no jornal *El Universal* em dezembro de 1924, criticando a falta de “virilidade” da literatura nacional foi o ponto de partida para que uma série de reações despontassem na crítica do país, sendo que o artigo de resposta de Francisco Monterde *Existe una literatura mexicana viril* apontou diretamente a obra de Mariano Azuela como viril, colocando o escritor como um exemplo entre os vários bons escritores deixados de lado pela crítica mexicana. Após o artigo de Monterde a obra de Mariano Azuela tornou-se conhecida pela crítica mexicana, e passou a representar a “novela da Revolução Mexicana”.



Segundo Carlos Alberto Sampaio Barbosa, *Los de abajo* foi apropriada pelo Estado pós-revolucionário na construção de sua ideologia, representando a “novela da Revolução Mexicana”<sup>35</sup>. O fato, a princípio, nos deixa bastante intrigados, mas quando olhamos para as imagens exibidas no romance de Azuela, a questão fica mais clara. As imagens de bravura, violência, do mexicano forte que não teme a morte são bastante presentes, sem nos esquecermos dos próprios eventos ocorridos durante a Revolução que são mencionados no livro, como a Convenção de Aguascalientes e as Batalhas de Celaya. Também é importante o fato da personagem principal da trama, Demetrio Macias, ser um indígena, pois os mestiços e os indígenas seriam resgatados como a representação do povo mexicano. Estas eram imagens que o próprio Estado pós-revolucionário buscava se apropriar para construir a imagem de um México novo, forte. A mudança do México não poderia ser só estrutural, econômica, mas também simbólica, atingindo o imaginário dos mexicanos.

O México a partir da década de 1920 precisava construir a imagem de um país civilizado. Após uma década de conflitos, era preciso livrar-se do estigma de ser apontado como um país bárbaro, violento e sanguinário. A arte e uma mudança na forma de representar a política seriam os principais baluartes desta reconstrução simbólica. Carlos Alberto Sampaio Barbosa analisou como através das fotografias da família Casasola podemos perceber a construção da política mexicana, a partir da década de 1920, como um grande espetáculo. Na exibição de um México civilizado e democrático era necessário mostrar imagens de grandes passeatas, do contato do presidente com seu povo, dos grandes comícios, da posse presidencial passando dos recintos fechados dos palácios presidenciais para os grandes estádios, nos quais o presidente era saudado pelo seu povo. Os rituais e os acordos políticos também eram bastante ressaltados, na tentativa de transmitir a imagem de um país no qual a normalidade política e a paz já estavam restauradas<sup>36</sup>.

No plano artístico e simbólico prevaleceu a tendência a uma arte que difundisse a cultura popular, o artesanato, os tipos mexicanos, as cenas do campo e a cultura indígena. Na construção da identidade nacional mexicana passou-se a ressaltar a capacidade “nata” do indígena para a arte e o “passado artístico glorioso” do mexicano como um elemento histórico de formação popular. A arte popular enquanto fator de formação de uma identidade nacional seria

---

<sup>35</sup> Ver BARBOSA, Carlos Alberto S., *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de Abajo de Mariano Azuela*. Dissertação de Mestrado, PUC, SP, 1996; BARBOSA, Carlos Alberto S., *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de Abajo de Mariano Azuela*. In: *Revista da APG –PUC/SP*. São Paulo. PUC-SP, vol. 17, 1999. p.217-223; BARBOSA, Carlos A. S. Disputa por uma cultura revolucionária. *Pós-História*, v. 12, 2004, p.71-85; GOMES, Warley A. Literatura e política na Revolução Mexicana: a visão crítica de Mariano Azuela. In: *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Vol.4, Nº7, UFGD, 2010.

<sup>36</sup> BARBOSA, Carlos A. Sampaio. *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940)*, São Paulo, Unesp, 2006.



exaltada nas festas nacionais e em exposições, como foi o caso das comemorações do Centenário da Independência, em 1921, e da exposição da Escola Nacional de Belas Artes, na mesma época. Tais exposições não se limitaram apenas ao território mexicano, sendo exibidas em diversos outros países, como maneira de reformular a imagem externa do México, com os mesmos caracteres do que se queria para dentro do país: a idéia de um México que não mais se manifesta pela violência revolucionária, mas sim por uma arte de alto nível, no qual o popular, o vernáculo, se encontra com as mais sofisticadas tendências universais, conjugando a impulsividade e força autóctone com o domínio das formas, proveniente da arte européia<sup>37</sup>. Ressaltamos o fato de que ambas as comemorações contaram com o apoio dos integrantes da Escola Nacional de Belas Artes, como Best Maugard, Montenegro, Enciso e Dr. Atl, que se apropriaram da arte vanguardista européia para a criação de uma arte que representasse a cultura popular mexicana. Tais intelectuais atuaram como artistas plásticos e organizadores de algumas das principais atividades destas comemorações. Como afirma Alicia Azuela de la Cueva:

No México, assim como nos diversos regimes de governo modernos, em não poucos momentos se há lançado mão com tanta abundância do dispositivo simbólico, como durante datas tão emblemáticas. Elas davam base ao exercício do poder simbólico, peça-chave e efetiva para o exercício do poder político mediante o recurso aos imaginários sociais e a sua capacidade de articular as imagens, as idéias e as ações coletivas.<sup>38</sup>

Podemos pensar aqui o caso do México de acordo com as idéias de Bronislaw Baczko sobre o imaginário social<sup>39</sup>. O imaginário seria o meio de alcançar não só o intelecto, mas a alma de um povo. Define-se, através dele, identidades, inimigos, concepções de passado, presente e futuro. No caso do México resgatou-se o passado azteca, a valentia do indígena, colocou-se no presente a idéia do mexicano como o homem valente, que enfrenta a vida, não teme a morte, e a Revolução trouxe a perspectiva de um futuro promissor no qual o povo mexicano encontraria sua redenção. A ideologia construída pela nova elite política mexicana ultrapassou suas expectativas, alcançado os patamares de um mito<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> CUEVA, Alicia Azuela de la. Vanguardismo pictórico y vanguardia política en la construcción del Estado nacional revolucionario mexicano. In: *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol.2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

<sup>38</sup> No original: “En México, al igual que en los diversos regímenes de gobierno modernos, en pocos momentos se ha echado mano con tanta abundancia del dispositivo simbólico, como durante fechas tan emblemáticas. Ellas daban pie al ejercicio del poder simbólico, pieza clave y efectiva para el ejercicio del poder político mediante el recurso a los imaginarios sociales y a su capacidad de articular las imágenes, las ideas y las acciones colectivas”. CUEVA, Alicia Azuela de la, *idem*, p.480.

<sup>39</sup> BACZKO, Bronislaw. *Imaginación social*. In.: Enciclopedia Einaudi. Vol. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

<sup>40</sup> Pensamos aqui o mito de acordo com Raoul Girardet, como um “sistema de crenças coerente e completo”, que “já não invoca, nessas condições, nenhuma outra legitimidade que não a de sua simples afirmação, nenhuma outra lógica

Em se tratando da relação entre intelectuais e Estado no México pós-revolucionário não podemos deixar de lado a figura de José Vasconcelos. Durante o governo de Álvaro Obregón, tal intelectual exerceu os cargos de reitor da Universidad Nacional (entre junho de 1920 e outubro de 1921) e secretário de Instrução Pública (equivalente ao cargo de ministro da Educação). Durante os anos no comando da Secretaria de Educação, Vasconcelos foi responsável por uma verdadeira empreitada messiânica, na intenção de levar uma cultura ilustrada aos povoados mais longínquos do México. Para isto convocou, e conseguiu, apoio de muitos professores de todos os cantos do país, que muitas vezes trabalhavam sem ganhar quase nenhuma compensação material. O secretário acreditava que somente através da educação o México estaria livre do domínio dos militares, classe que via com grande receio na cena política<sup>41</sup>. A cultura propiciaria uma evolução necessária para que o México fosse um país democrático, justo e construído com base em fortes valores espirituais. É interessante perceber aqui também uma mudança em relação à política educacional porfirista: o projeto educacional do ministro ia desde a educação básica, procurando sanar os problemas de analfabetismo do país, até a busca pela difusão do que era considerado “alta cultura”<sup>42</sup>.

---

que não a de seu simples desenvolvimento”. Ver: GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.11-12. A Revolução Mexicana, enquanto mito político, se move a partir de um jogo de imagens associadas que são evocadas e apropriadas por diferentes grupos políticos e sociais. A idéia da Revolução enquanto mito político, busca garantir a continuidade com um passado – no caso mexicano percebemos isso através da valorização dos elementos da cultura azteca, do passado de lutas –, ao mesmo tempo que projeta a idéia de um futuro promissor – a Revolução traria a felicidade e o progresso para o povo mexicano. A Revolução em seu aspecto mítico também está ligada à imagens como reunião, fusão, de entusiasmo coletivo por parte dos cidadãos mexicanos. Pierre Bourdieu define bem a diferença entre as ideologias e os mitos: “As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comum ao conjunto do grupo”. Ver BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1989, p.10. Raymond Williams também nos oferece interessantes contribuições para pensarmos o conceito de ideologia a partir de uma breve historicização, apresentando as mais variadas formas pelas quais ele foi compreendido desde o século XVIII, passando pelas interpretações de Napoleão, Marx e Engels, e Lênin. Um aspecto muito relevante dos estudos de Williams é a relação feita entre ideologia e hegemonia. Enquanto ideologia seria um sistema de idéias ligado a uma classe específica, a hegemonia dependeria não apenas da expressão dos interesses de uma classe dominante, mas também de sua aceitação como “realidade normal” ou “senso comum” por seus subordinados. Ver WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford; New York: Oxford University, 1977, reimpr. 1985; WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*.

<sup>41</sup> **CRESPO, Regina Aída.** *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a Nação*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

<sup>42</sup> É bastante claro que apesar de valorizar a cultura popular, Vasconcelos apresentava uma visão elitista de cultura. Para ele, o artista e a arte apresentavam uma superioridade sobre quaisquer outras manifestações humanas, sendo que a elite letrada ocuparia a posição mais elevada na escala social. In: Alicia Azuela de la Cueva, idem, p.472. Uma citação da autobiografia de Vasconcelos também ilustra bem este elitismo do mesmo: “Yo fracasaba por mal orador y porque puesto en contacto con la masa humilde me entraban unos ímpetus peligrosos de sinceridad. Por ejemplo, un día hablé de que antes de intentar democracia y actividad política, el pueblo necesitaba emprender la campaña del agua y del jabón”. VASCONCELOS, José. *Ulises criollo*, ALLCA XX, 2000, p.365.



José Vasconcelos também apoiou diversos artistas e intelectuais mexicanos, como os muralistas – Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros, José Clemente Orozco. No caso do movimento muralista mexicano, o apoio de Vasconcelos ia de encontro aos interesses do Estado pós-revolucionário, pois a arte muralista mexicana, com suas imagens da população e da história mexicana, apresentava um caráter pedagógico, além de situar o povo em sua trajetória histórica através dos desenhos apresentados, aspecto da maior importância se se toma o grande número de analfabetos no país no início do século XX. Vasconcelos foi responsável por vincular o movimento muralista com as tendências do Estado pós-revolucionário, convidando Diego Rivera para pintar em edifícios públicos, como foi o caso do Anfiteatro Bolívar, na Escola Nacional Preparatória.

No que toca a relação entre Vasconcelos e a juventude intelectual mexicana, podemos dizer que esta foi bem forte, resultando na construção de vínculos entre o ministro e seus discípulos, que atrelavam os mesmos ao aparato estatal. O Estado já era um grande atrativo para os jovens intelectuais pelo fato de que era muito complicado ganhar a vida apenas através do trabalho intelectual, e muitos dividiram seu tempo entre as produções jornalísticas e os cargos burocráticos no Estado, como notamos em Francisco Monterde e Jiménez Rueda. No caso dos intelectuais vinculados à Vasconcelos existia realmente uma admiração recíproca: tanto o ministro era visto como um “maestro” para eles, quanto o primeiro admirava o trabalho e a coragem de seus discípulos em empreender a tarefa de ajudar na construção de um novo México, mais civilizado e independente das ambições dos militares e caciques políticos. Vasconcelos apoiou fortemente o grupo dos “Contemporâneos”, jovens intelectuais vanguardistas mexicanos, sendo que um de seus integrantes, Jaime Torres Bodet (1902-1974), com apenas 20 anos, foi secretário particular de Vasconcelos e encarregado do Departamento de Bellas Artes pelo ministro<sup>43</sup>.

É preciso ressaltar o fato de que o reconhecimento de Vasconcelos é também resultado de uma disputa de gerações. Na década de 1920 encontramos no México uma nova geração intelectual, que busca se apartar das idéias defendidas pelos porfiristas. A situação era bastante complexa, pois além das questões suscitadas pela própria Revolução, alguns intelectuais que defenderam Porfírio Díaz ainda estavam no país, nos levando a pensar a existência de ao menos quatro gerações intelectuais: os velhos intelectuais porfiristas, os ex-membros do Ateneo de la Juventud, a chamada “Geração de 1915” – composta por homens como Vicente Lombardo

---

<sup>43</sup> GARCIADIEGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina II: Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010.



Toledano, Manuel Gómez Morín e Daniel Cosío Villegas – e a nova geração de intelectuais, surgida na década de 1920, fruto dos eventos revolucionários. Os ex-porfiristas não estavam interessados na construção de uma nova ordem, os membros do Ateneo estavam no meio do dilema, alguns ainda atuando no país, como o próprio Vasconcelos e Antonio Caso, os membros da “Geração de 1915” estavam empenhados na formação burocrática do novo Estado, distanciando-se um pouco das questões filosóficas, e os jovens intelectuais da década de 1920 estavam ávidos por colaborar com a construção simbólica do novo México. Esta nova geração de intelectuais, composta tanto por escritores ditos “revolucionários” – que buscavam uma formação mais radical dos princípios revolucionários, atrelados praticamente de maneira exclusiva aos problemas mexicanos –, como a vertente dos vanguardistas – que se apropriava das idéias e movimentos artísticos circulantes na Europa, como o Futurismo e o Surrealismo –, que se reconheciam como herdeiros do Ateneu da Juventude, fazendo com que muitos vissem em Vasconcelos, talvez o ex-ateneísta mais atuante na cultura e política mexicana da época, um exemplo para eles.

Ao fim do governo de Obregón, José Vasconcelos foi dispensado. O presidente alegou que a Secretaria de Educação Pública “havia se tornado uma amante muito cara”. Vasconcelos decepciona-se com a política mexicana em 1929, quando tentou em vão disputar a presidência da República. Os resultados indicaram a vitória do candidato Pascual Ortiz Rubio, preferido de Plutarco Elías Calles para sua sucessão. A trajetória de José Vasconcelos serve como exemplo para o que aconteceu com muitos outros intelectuais mexicanos: um desencanto com os rumos tomados pela Revolução, marcados por um forte autoritarismo. A trajetória de Vasconcelos também revela o quão tensa era a relação entre os intelectuais e a classe dirigente pós-revolucionária, caracterizada por uma forte cultura militar.

Embora não possamos entrar em detalhes, mencionamos brevemente a “Geração de 1915”. Estes intelectuais, muitos deles alunos do Ateneu da Juventude, desenvolveram um papel importante na burocracia do novo Estado mexicano. Antonio Castro Leal foi reitor da Universidade Nacional, Daniel Cosío Villegas foi fundador do Fondo de Cultura Económica, Vicente Lombardo Toledano, o principal líder sindical mexicano – sendo os sindicatos atrelados ao governo –, Manuel Gómez Morín, criador do Banco de México, fundado em 1925 com o objetivo de impulsionar a reconstrução econômica do país. Diferente dos ateneístas, estes intelectuais tiveram que lidar com um México completamente arrasado pela Revolução, o que fez com que fossem impelidos para a prática, na necessidade de reconstrução e transformação do país. Para isto, se vincularam fortemente à estrutura estatal, como melhor meio para reerguer o



país. Este grupo ilustra bem a participação dos intelectuais no aparelho estatal, embora seus membros não tenham tido, individualmente, a visibilidade que tinha José Vasconcelos<sup>44</sup>.

### **Conclusão:**

Buscamos aqui mostrar a relação entre os intelectuais e o Estado no México revolucionário. Assim, notamos claramente uma mudança da década de 1910 para a de 1920. Se na primeira década notamos uma proximidade menor – como é o caso do Ateneu da Juventude, que apresentava uma resistência mais moderada, restringindo-se apenas ao campo das idéias – ou mesmo o caso de uma oposição mais forte – como era o caso de Ricardo Flores Magón e do Partido Liberal Mexicano –, na segunda década o Estado pós-revolucionário, ao buscar reformular a identidade nacional, conseguiu em boa medida atrelar a produção intelectual aos seus interesses. De fato, podemos dizer que neste primeiro momento da construção do novo México os interesses de ambos não se encontravam em divergência, o que possibilitou a fomentação de uma “cultura revolucionária” no país. Como afirma Javier Garciadiego, os intelectuais revolucionários foram os responsáveis pela introdução do nacionalismo econômico, do estatismo político, do jacobinismo, do compromisso com a reforma agrária, do apoio do governo às questões trabalhistas e pela simpatia com o indigenismo<sup>45</sup>.

Álvaro Obregón e Plutarco Elias Calles foram os presidentes responsáveis por implementar políticas culturais que visassem a reformulação desta identidade nacional. É possível pensar que se o primeiro se tornara bastante conhecido na luta revolucionária, Calles ainda precisava colocar seu nome na história mexicana e o faz finalizando aquilo que Obregón havia iniciado: ressignifica o sentido da Revolução Mexicana no plano político como algo sempre em marcha, colocando o povo mexicano no lugar central de sua história, ao menos no plano simbólico<sup>46</sup>.

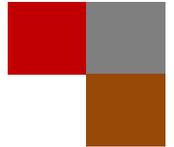
Concluindo, propomos evocar a imagem que talvez melhor represente a Revolução Mexicana: a morte. Não a morte enquanto oposição à vida, mas como os mexicanos a concebem, que como expressa o poeta Octavio Paz, sendo a volta ao útero da mãe. A imagem da morte e da violência revolucionária foi bastante apropriada pelos intelectuais e artistas revolucionários. A

---

<sup>44</sup> Nossa preferência aqui pela trajetória de Vasconcelos foi devida ao fato de que além de este ser um dos mais importantes intelectuais do México pós-revolucionário, serviu de ponte entre a difusão cultural proposta pelos intelectuais de sua época e os interesses do Estado pós-revolucionário.

<sup>45</sup> GARCIADIEGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina II*. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz, 2010.

<sup>46</sup> Devo os créditos desta observação a Caroline Martins Andrade, que colocou isto em uma de nossas muitas conversas sobre o México. Ainda que talvez esta hipótese possa ser encontrada em algum livro, passei despercebido sobre ela, caso a tenha lido.



idéia que nos passa é a de que a Revolução e sua violência, para estes homens, era algo necessário para o nascimento de um novo México. A cultura dominou a morte, que agora fecunda a vida. A morte, no caso da Revolução Mexicana, provocou não só a estupefação dos intelectuais, que, perdidos em meio ao fogo das batalhas, esforçavam-se para compreendê-la, mas fez com que novamente o México olhasse para seus filhos e se reconhecesse em sua luta. A Revolução foi o retorno do país a si mesmo, a seu povo. Isto nem mesmo o autoritarismo político posterior pode apagar.

Recebido em: 15/05/2013  
Aprovado em: 16/06/2013